

EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DE AFETIVIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS¹

EXPERIENCES AND EXPERIENCES OF AFFECTIVITY IN YOUTH AND ADULT EDUCATION

Alyne Novais Lucenaⁱ

RESUMO: Este artigo tem como objetivo compreender a relação entre afetividade e vivência no processo de ensino-aprendizagem, analisando o grau de participação dos alunos em sala de aula, considerando a interação entre professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de caráter etnográfico, associada à pesquisa bibliográfica. A coleta de dados foi realizada em 2023 e 2024, com a participação de alunos e do professor de Matemática de uma instituição pública de ensino. O referencial teórico baseia-se nas contribuições de Paulo Freire e José Carlos Libâneo. Os resultados da pesquisa trazem reflexões instigantes sobre como as relações afetivas influenciam a participação dos alunos e transformam a dinâmica da sala de aula na EJA, revelando nuances que desafiam práticas pedagógicas tradicionais.

Palavras-chave: Afetividade. Ensino-aprendizagem. Educação de Jovens e Adultos. Relação professor-aluno.

ABSTRACT²: This article aims to understand the relationship between affectivity and experience in the teaching-learning process, analyzing the degree of student participation in the classroom, considering the interaction between teachers and students in Youth and Adult Education (EJA). The research is based on a qualitative, ethnographic approach, associated with bibliographical

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado ENTRE AS EXPERIÊNCIAS E AS VIVÊNCIAS AFETIVAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, sob a orientação do Prof. Dr. José de Souza Neto - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/1.

² Profa. Ma. Priscila Ferreira de Alécio, graduada em Letras, Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UNEMAT, Sinop). Mestra em Letras (PPGLetras – UNEMAT).

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4180046703299436>

E-mail: priscila.alecio@sou.ufmt.br



research. Data was collected in 2023 and 2024, with the participation of students and a math teacher from a public educational institution. The theoretical framework is based on the contributions of Paulo Freire and José Carlos Libâneo. The results of the research provide thought-provoking reflections on how affective relationships influence student participation and transform classroom dynamics in the EJA, revealing nuances that challenge traditional pedagogical practices.

Keywords: Affectivity. Teaching and learning. Youth and Adult Education. Teacher-student relationship.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo concentrou-se nas práticas de afetividade entre professores e alunos na Educação de Jovens e Adultos, pesquisadas em uma escola no município de Sinop-MT, observando como esse aspecto interferiu no processo de ensino-aprendizagem. O artigo também buscou investigar o processo de abertura dos professores diante da liberdade de compartilhar as experiências e vivências na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Como o professor concebe o espaço da sala de aula afeta os processos e relações pedagógicas com os alunos, de modo a torná-los ou não sujeitos prioritários, conforme a experiência de aprendizagem.

O interesse pela temática emergiu da constatação da escassez de produções académicas voltadas ao assunto, aliada à sua relevância social, especialmente no que se refere à organização e às especificidades do formato educacional destinado ao público adulto. O foco no Ensino dos jovens e adultos ocorre pelas constantes dúvidas a respeito da didática utilizada na sala de aula da EJA, com abordagem na existência ou não de uma abertura didático-pedagógica, por parte do professor para que os estudantes consigam compartilhar as suas vivências durante o ensino do conteúdo.

A pesquisa empregada neste artigo é a etnográfica. Esta pesquisa foi realizada no CEJA – Centro de Educação de Jovens e Adultos Benedito Santana da Silva Freire do município de Sinop, que se localiza no Estado do Mato Grosso, em 2023.

2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: A CAMINHADA

A Educação de Jovens e Adultos enfrenta diversos desafios para se consolidar no cenário educacional. Essa modalidade de ensino enfrenta problemas sociais que dificultam o acesso dos estudantes às escolas (com poucas intuições de ensino para aderir à modalidade), acesso local (muitos jovens, adultos e idosos têm dificuldades para acessar o ambiente institucional, seja por meio de locomoção ou por dificuldades para estarem na sala de aula devido às cargas horárias dos trabalhos) e são esses fatores que contribuem para a falta de público nesta modalidade de ensino.

A educação é fundamental para vida do ser humano. A Constituição Brasileira de 1988 esclarece, no Art. 205, os direitos que os estudantes possuem relativamente aos estudos.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2016, p. 123).

A Educação de Jovens e Adultos foi instituída no Brasil, a partir da LDB – 1996, a qual aprovou a modalidade EJA. Nela, foi estabelecida as diretrizes e bases de ensino. O documento da EJA, possui sua própria seção, que é a V (quinta). Os principais artigos destacados são – Art. 37. Parágrafo 1º Que garante o acesso gratuito aos jovens e adultos. Nos parágrafos 2º “O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.” E no 3º § “A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento” (p. 30, 1996). Esses regulamentos asseguram os direitos dos estudantes da EJA.

A alfabetização no Brasil se inicia com os jesuítas, cujo objetivo era educar a elite. Logo mais, com a expulsão dos jesuítas, a educação brasileira seguiu outro caminho, com a criação de métodos de ensino para aplacar as dificuldades de aprendizagem. Sobre isso, Mortatti diz:

Até o final do Império brasileiro, o ensino carecia de organização, e as poucas escolas existentes eram, na verdade, salas adaptadas, que abrigavam alunos de todas as “séries” e funcionavam em prédios pouco apropriados para esse fim; eram as “aulas régias”, já mencionadas. Em decorrência das precárias condições de funcionamento, nesse tipo de escola o ensino dependia muito mais do empenho de professor e alunos para subsistir (2006, p. 5).

Outro fator que defasou inicialmente na educação brasileira, foi a precariedade de materiais de ensino e a questão dos professores, os quais, em sua maioria, não possuíam formação acadêmica e nem preparo para lecionar.

A educação dos adultos não era prioridade para o governo, e uma camada grande da população não sabia ler nem escrever. A Educação de Jovens e Adultos começa ser percebida em meados do século XVIII, na qual surge a Revolução Industrial. O foco dos trabalhadores se volta para as operações das máquinas, mas uma certa preocupação surge entre os donos de fábricas: como os operadores conseguiram operar as máquinas, sem o conhecimento de leitura e escrita? Então, a partir deste momento, surge a necessidade de começar a valorizar a educação do adulto:

É com o desenvolvimento industrial, no período da Segunda Guerra Mundial, que, lentamente, vai surgindo uma maior valorização dessa etapa de ensino tendo

diferentes focos: valorizar a língua falada e escrita (com o objetivo de dominar as técnicas de produção), adquirir a leitura e escrita (para ascender socialmente), valorizar a alfabetização de adultos (como um meio de progresso do país e ampliação de pessoas aptas para votar) (Lima; Sousa, 2018, p. 3).

O processo de industrialização colaborou, de certa forma, no processo da educação de jovens e adultos, mas essa ação não estava em prol do benefício do trabalhador, e sim, nos lucros do capitalismo.

2.1 A educação de jovens e adultos fundamentada na experiência para a vivência de aprendizagem – o processo de ensino-aprendizagem

O ensino é conduzido pelo professor, enquanto o aprendizado é inerente ao aluno. Esse processo decorre de um fator importante – a prática educativa – que está relacionada com a Didática do ensino, na qual o processo é definido como uma sequência de atividades entre os professores e os estudantes.

Podemos definir *processo de ensino* como uma sequência de atividades do professor e dos estudantes, tendo em vista a assimilação de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades, através dos quais os estudantes aprimoram capacidades cognitivas, pensamento independente, observação, análise-síntese e outras (Libâneo, 2006, p. 54). Para melhor compreensão deste conceito a partir de Libâneo, é preciso compreender que a assimilação é um processo crítico e reflexivo, evitando a cilada de uma compreensão meramente mecânica. Assim como quando dissemos quanto a transição do conhecimento, não estamos confundindo com transferência, pois, cada educando assimila e processa o conteúdo, em ritmos, tempos distintos e, por vezes não entendem logo de imediato.

As finalidades do processo de ensino estão para além dos meios que o docente encontra para ensinar o conteúdo aos estudantes. Os meios de um ensino são desde um recurso material (apostilas, lápis, borracha, livros, etc.) e próprio recurso humano (professores – estudantes), mas para que o processo se concretize, o professor deve ter um planejamento elaborado com objetivos, metodologias, e a avaliações. O processo de ensino, para Fonseca:

[...] subtende um *processo de ensino* (também conhecido por processo de instrução), que ocorre simultâneo com o processo de aprendizagem.” O processo de ensino é inseparável da aprendizagem ambos devem ocorrer em conjunto, o ensino não é a transmissão de um pacote de conhecimentos metodológicos fora do contexto social. É uma prática educativa com intenção, estruturada e voltada aos alunos (2019, p. 2).

Ou seja, em uma prática didática e educativa, sempre vai haver o processo do ensino, pois é o meio do trabalho docente. O processo de aprendizagem consiste na forma de como um indivíduo aprende, o desenvolvimento dos conhecimentos, habilidades, atitudes: “aprendizagem refere-se à aquisição de material ideativo na estrutura cognitiva do indivíduo” (Faria. 1989, p. 8). A aprendizagem começa nas primeiras fases do ser humano – nos primeiros anos de vida – e decorrem-se ao longo da vida, ocorrendo a constância de aprendizagens.

2.2 O Estudante da EJA.

O perfil dos estudantes da EJA varia devido influências de sua origem. Pode-se dizer que o fator determinante deste perfil é a cultura que esses estudantes estão inseridos. A faixa etária dos estudantes varia muito, e suas culturas são diferenciadas. Outro ponto relevante a ser destacado é a diferença entre lidar com adolescentes e adultos, pois cada um tem uma maturidade diferente. Pode-se destacar um trecho do caderno da EJA – criado pelo Ministério da Educação MEC.

Os adultos possuem mais experiência que os adolescentes e podem ter acumulado uma maior quantidade de conhecimentos. Talvez sejam menos rápidos, mas podem oferecer uma visão mais ampla, julgar melhor os prós e os contras de uma situação e ter boa dose de criatividade (Costa; Alvares; Barreto, 2006, p. 30).

Os autores mostram que os estudantes da EJA, ao optarem pelo retorno aos estudos, estão em busca de um crescimento pessoal, o que é fato. A maioria deles procura oportunidades de emprego melhores, pois acredita que é através dos estudos que essa oportunidade surge. No entanto, o trecho diz que adulto é o que tem mais maturidade psicológica para pensar dessa forma.

Os estudantes da EJA apresentam uma grande variedade de diversidades e culturas. Embora os estudantes sejam de idades distintas, são sujeitos com que possuem um conhecimento formalizado, que tem um impacto significativo na formação do seu indivíduo social. Os estudantes da EJA, por algum motivo, não concluíram os seus estudos nas idades adequadas, mas o ensino da EJA contribui para esse processo. Ao retornar às aulas, os estudantes trazem consigo uma sensação de insegurança e esperança de uma vida melhor.

2.3 A importância da afetividade na EJA

Na infância, o ser humano aprende por fases sobre como lidar com suas emoções. Segundo Wallon, “As emoções consistem essencialmente a certo tipo de situação. Atitudes e situação correspondente se implicam mutuamente, constituindo uma maneira global de reagir e que é de tipo arcaico e frequente na criança”. A partir dessa frase, pode-se considerar o sujeito da EJA como um ser concretizado em relação a suas emoções. Se um estudante sente um certo comportamento não

recíproco por parte do professor, dependendo da maneira a qual foi estimulado emocionalmente a reagir, pode ocasionar um conflito em sala de aula, ocasionando a apatia de afetividade. Consequentemente, os ensinamentos passados pelo docente não serão aceitos pelo aluno.

Conforme Freitas (2018, p. 138) “[...] a EJA valoriza a experiência histórica, a leitura, o processo de conscientização popular de sabedoria de vida e de autonomia dos estudantes de qualquer idade que regressam à escola, deixando a clara intenção de apropriar-se da educação libertadora”.

No conceito de ensino do estudante, cabe ao educador compreender que o educando tem um conhecimento adquirido pelas suas experiências anteriores, ao fazer esse ato de compreensão o professor pratica a amorosidade, pois Freire (1996) no seu livro *A Pedagogia da Autonomia* diz que a amorosidade é algo importante para se ter em uma prática educativa. O receio dos estudantes ao retornarem aos estudos, é perceptível na sala de aula, alguns alunos trazem consigo bagagens.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A metodologia utilizada nesse artigo foi de abordagem qualitativa e etnográfica. Essas técnicas foram escolhidas buscando uma maior proximidade com os participantes. A autora André (2004, p. 41) esclarece que esse é o meio fundamental de uma pesquisa etnográfica: “A pesquisa tipo etnográfico, que se caracteriza fundamentalmente por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada, permite reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária”.

Outro campo que abrange a pesquisa etnográfica é a pesquisa de campo, na qual o pesquisador aproxima-se do seu ambiente de pesquisa, envolve-se no contato direto com o objeto pesquisado, fazendo parte da investigação de maneira significativa. De acordo com André (2004, p. 29), “não há pretensão de mudar o ambiente, introduzindo modificações que serão experimentalmente controladas como na pesquisa experimental.” Os participantes da pesquisa foram: um professor e sete alunos da EJA.

A técnica utilizada contou com o auxílio de um questionário semiestruturado, pois este modelo de entrevista possibilita compreender a informação que o pesquisado dispõe ou questionar indagações relevantes, momentâneas, que podem surgir durante a entrevista e que possam contribuir para a pesquisa. O questionário foi aplicado a um professor responsável pela disciplina de matemática e uma entrevista realizada com o grupo focal, composto por sete alunos que no momento da entrevista, cursavam o ensino fundamental da EJA. Os instrumentos utilizados foram o gravador do celular, registro em uma ata – dos dois dias da observação, que ocorreram na segunda-feira (16/10/2023) e na terça-feira (17/10/2023).

O roteiro prévio contou com perguntas sobre os suportes didáticos-pedagógicos que a escola oferece para o processo do ensino-aprendizagem dos alunos e a maneira como os professores aplicam os componentes didáticos do ensino, se oferecem espaço para os alunos dialogarem durante as aulas. Os trechos separados das respostas são aqueles que refletem mais precisão no cunho da pergunta, a

análise das respostas foi através da descrição do áudio da entrevista, considerando, nesta primeira parte, as respostas mais relevantes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes da realização das perguntas aos estudantes, visando assegurar a preservação dos participantes da pesquisa, os estudantes foram identificados por ordem alfabética e o professor foi denominado pela disciplina ministrada – Matemática. Foi perguntada a idade dos jovens e adultos participantes, sendo elaborado um gráfico com as suas respectivas faixas etárias, a fim de observar a diversidade presente nessa modalidade de ensino.

A primeira pergunta feita aos estudantes entrevistados foi se esta seria a primeira vez deles em uma escola da EJA. Todos responderam que sim. A segunda pergunta tratou sobre a conciliação entre trabalho e estudo, alguns estudantes responderam:

(01) Estudante B: É cansativo.

(02) Estudante F: Dá muito sono.

O objetivo dessa pergunta foi identificar as dificuldades que podem afetar o aprendizado dos estudantes no período noturno. A pergunta onze abordou a liberdade que os estudantes possuem durante o ensino do conteúdo. A maioria dos entrevistados respondeu que “sim”, pois não há impedimentos por parte do professor. A pergunta treze tratou da interação em sala de aula. Os estudantes responderam que os professores interagem bem com a turma. No entanto, durante a observação, notou-se uma falta de interação entre a professora de Geografia e os estudantes dessa turma.

Em dado momento da aula, o Estudante G iniciou um debate sobre determinado assunto, mas a professora não lhe cedeu espaço suficiente para se expressar, encerrando o debate. A aula tornou-se extremamente parada, com a maioria dos estudantes no celular. Outra pergunta feita aos estudantes tratou do incentivo oferecido por parte dos professores e da escola para que eles não desistam dos estudos.

(03) Estudante J: Há campanhas, como projetos, noites culturais.

(04) Estudante H: Tem a feira do conhecimento, onde criamos, nos juntamos e depois apresentamos para as pessoas.

Após a entrevista de grupo focal com os estudantes, foi aplicado um questionário ao professor da turma, que leciona matemática. O professor H possui 27 anos de atuação na Educação e 11 anos de experiência na EJA. Uma das perguntas destacadas foi: “Qual é a sua concepção sobre os estudantes da EJA? Qual método de aprendizagem é mais usado em suas aulas?” A resposta do professor foi;

(05) Professor H: Alunos (as) jovens e adultos (as) são estudantes que vêm de um processo de exclusão social. Antes do aprender a conhecer (cognição) ou mesmo do aprender a fazer, é necessário trabalhar questões de autoestima e relações sociais.

O papel do professor nesta modalidade vai além do de educador. O vínculo afetivo próximo faz com que ele também atue como amigo, o que o transforma em agente social que promove a afetividade. Quando questionado sobre a sua concepção de visão de como é espaço dos alunos da EJA, na sala de aula, ele respondeu:

(06) Professor H: “Espaço para ensinar aprendizagem, produção de conhecimento e socialização com foco na formação humana.”

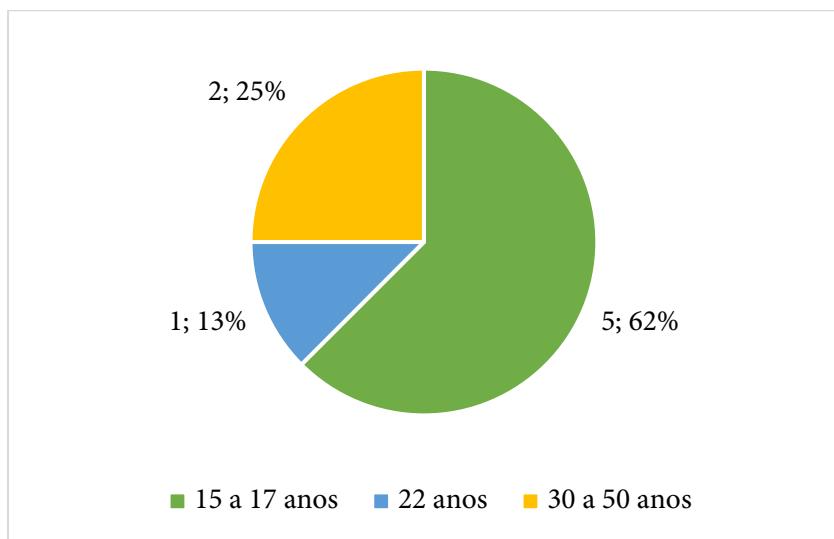
Já sobre os desafios de ensinar na EJA, afirmou:

(07) Professor H: Todo ano a SEDUC/MT muda as regras de atendimento da EJA. Por exemplo, de 2023 para 2024, estamos mudando de carga-horária, etapa para atendimento semestral.

Essa resposta revela que uma das dificuldades enfrentadas pela EJA é a ausência de uma estrutura curricular adequada. Durante a observação realizada para viabilizar as entrevistas e o questionário, destacou-se a idade dos estudantes da turma, que variava entre dezessete e quarenta e um anos. Quando perguntados sobre os fatores sociais, económicos ou emocionais que os fizeram interromper os estudos, a maioria mencionou a crise de saúde causada pela COVID-19. Segundo dados da Folha de São Paulo: “Em 2020, ano marcado pelo novo coronavírus, quarentena e interrupção de aulas presenciais, 8,4% dos estudantes com idade entre 6 e 34 anos abandonaram a escola. [...] o que representa cerca de 4 milhões de alunos.” (Folha de São Paulo, 2021. Os motivos relatados incluem a falta de acesso às aulas remotas e dificuldades financeiras.

A segunda etapa da entrevista ocorreu no dia 07/03/2024, na instituição EEDIEB Benedito Santana da Silva Freire. Essa fase consistiu em perguntas com enfoque diferente da primeira parte, visando compreender a visão dos alunos sobre acontecimentos vivenciados na sala de aula. As respostas foram consideradas satisfatórias. Um gráfico mostra a variedade das idades dos estudantes, observando a forte presença de jovens nesta modalidade. A maioria respondeu que o principal fator para matrícula na EJA foi a pandemia da COVID-19 e o cansaço decorrente do trabalho.

Gráfico 1 - Faixa etária dos alunos



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os estudantes entrevistados pertencem a segmentos diferentes. Alguns foram entrevistados novamente, como as alunas R e W, ambas do Segmento I (Ensino Fundamental - Anos Iniciais). O estudante com maior idade era da sala dois, também do Segmento I. Os dois últimos entrevistados, A e J, pertencem ao Segmento II (Ensino Médio). Todos demonstraram interesse em participar da pesquisa e responderam às perguntas com atenção. O primeiro questionamento dessa etapa tratou da experiência escolar anterior.

(08) Aluno B: Foi lá no Paraná que estudei, só que daí estava estudando com crianças né, daí estava com 14 anos no sexto ano com crianças de 11 anos.” E completou: “Não foi muito boa né, porque ficar estudando com um monte de criança gritando.

Na data da entrevista, o estudante tinha 14 anos, e a sua fala revelou um grave erro institucional ao mantê-lo numa turma incompatível com sua faixa etária, já que o apropriado seria o 9º ano dos Anos Finais. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) esclarece em seu Art. 23:

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar (LDB, 2021, p. 18).

Quando questionado sobre o motivo da interrupção dos estudos, o aluno B respondeu:

(09) Aluno B: Porque tipo assim, eu morava aqui daí eu estudava, daí eu estudei lá por alguns meses, aí depois voltei pra cá de novo em 2023, mas estava mais focada em trabalhar.

Essa fala demonstra que a necessidade de ajudar a família tornou-se prioridade em sua vida. Destaca-se ainda a fala do aluno C:

(10) Aluno C: E parei porque cansado, cansaço, mesmo cansaço, conseguir continuar.

De acordo com Silva (2014, *apud* Canavarro, 2007), “Definem-se alunos em risco de abandono escolar através de um percurso escolar marcado por mais de um insucesso, nível etário defasado do seu nível acadêmico, dificuldades de saúde, dificuldades econômicas e dificuldades pessoais diversas para as quais não encontram apoio.”

Após a análise das perguntas um e dois, o foco voltou-se à pergunta quatro, sobre os fatores que contribuem para uma boa relação entre professor e aluno. A aluna A, disse:

(11) Aluna A: Há primeiramente o respeito né, tem que ter respeito das duas partes com relação no saber se comunicar com ele, saber conversar, expressar direito a maneira que você consiga entender, a gente consiga entender.

(12) Aluno B: Acho que respeito né, o aluno respeita o professor e o professor respeita o aluno... não sei... tratar bem o aluno, e o professor também, porque mesmo que ele ganhe, pá tá ali né...

(13) Aluno C: Ah, para ter uma relação o professor e o aluno, é sempre bom o professor entender o lado do aluno e o aluno entender o lado do professor né.”

(14) Aluno D: Boa, maravilhosa, os professores têm muito compromisso”; e o estudante E disse: “Uma relação boa, de respeito...

Com base nas respostas dos estudantes, destaca-se que o respeito é fator fundamental. Em décadas passadas, predominava uma abordagem pedagógica tradicionalista, na qual o aluno não tinha o direito de se expressar em sala de aula, e o respeito não era mútuo — sendo concedido apenas ao professor. Com as mudanças no cenário escolar atual, percebe-se que, para um bom convívio em sala, é necessário o uso da afetividade por parte do professor, permitindo que os estudantes se expressem. Afinal, “Dentro da sala de aula, antes de ensinar um conteúdo, é preciso que o professor dê voz ao seu aluno da EJA, para que este possa manifestar os seus saberes prévios. Então, o educador pode e deve aproveitar as experiências relatadas para iniciar seus ensinamentos.” (Abrahão, 2018, p. 21)

O educando, ao retomar os estudos, manifesta expectativas relativamente ao ensino. Cabe ao professor não apenas atendê-las, mas superá-las. Outro ponto importante é o aproveitamento da bagagem cultural que o aluno da EJA carrega. O professor deve valorizar esse conhecimento e utilizá-lo na prática pedagógica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos realizados, comprehende-se que afetividade tem vários significados. Wallon, diz que a afetividade é o principal meio de condução de comportamento, pois foi uma resposta emocional estimulada desde a infância. O capítulo um explicita sobre a caminhada que a modalidade da Educação de Jovens e Adultos, desde o início da era imperial, no qual a educação era direcionada as crianças por meio da dominação pelos jesuítas, até o período da revolução industrial a qual percebeu-se a necessidade de educar os trabalhadores para operar a grandes máquinas industriais.

O estudante já ingressa a escola com amadurecimento de ideias já formadas, na qual cabe ao professor ampliar essa concepção. Esse estudante aprendeu mecanicamente desde a pré-escola, fatidicamente não associando nada do que aprendeu ao seu dia a dia. O professor deve ensinar com significado e no primeiro capítulo foi abordado sobre a aprendizagem significativa de Ausubel, que encaixa nesse perfil do estudante da Educação de jovens e adultos, pois esse aluno tende a aprender com significado o conteúdo. O problema central da pesquisa foi sobre a existência de oportunidades para expor suas vivências, em sua maioria, as respostas dos entrevistados foram positivas, mencionaram até campanhas que a escola realiza para fazê-los continuar.

Ao entrar na escola, percebe-se ser um ambiente bem acolhedor e cultural. De acordo com entrevistados os estudantes possuem voz, conseguem expor sua opinião sem de fato ter o desmerecimento. O problema central do trabalho foi respondido, pois ao dizer sobre a exposição das vivências dos estudantes, interliga-se uma ponte para afetividade, que se torna essencial para processo de ensino aprendizagem significativo. Em conclusão, esclarece-se a importância de deixar o estudante da modalidade EJA, participar ativamente durante a explicação do conteúdo para contribuição da sua formação social e profissional.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Beatrice Cristina Jardim. A afetividade na relação ensino-aprendizagem na educação de jovens e adultos: uma professora experiente. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de: Etnografia da prática escolar. 11. ed. São Paulo: Papirus, 1995.

Brasil. [Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de

Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

COSTA, Elisabete; ÁLVERES, Sônia C.; BARRETO, Vera. Alunas e Alunos da EJA. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

SILVA, R. Gislaine. A educação de jovens e adultos: estudo das motivações mobilizadoras determinantes da sua permanência em sala de aula. Só pedagogia, 2013. Disponível em:

<https://www.pedagogia.com.br/artigos/ejaestudo/index.php>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FARIA, Wilson de; Aprendizagem e planejamento de ensino. São Paulo: Ática, 1989.

FONSECA, Vitor da; Desenvolvimento cognitivo e processo de ensino aprendizagem: Abordagem psicopedagógica à luz de Vygotsky. Petrópolis: Vozes, 2019.

FREITAS, Giane Vitória de. Educação de Jovens e Adultos: experiências de vida. Eventos Pedagógicos, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 127–141, 2018. DOI: 10.30681/reps.v9i1.10055. Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/10055>. Acesso em: 15 mar. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/593336/LDB_5ed.pdf. Acesso em: 20 jun. 2023.

LIBÂNEO, José C. Didática. São Paulo: Cortez Editora, 2006.

LIMA, M. S.; SOUSA, Leandro Quaresma. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS, DILEMAS ATUAIS. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXVIII, Nº. 000119, 02/02/2018. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/educacao-de-jovens-e-adultos-no-brasil-aspectos-historicos-dilemas-atauais>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Trabalhando com a educação de jovens e adultos alunas e alunos da eja. [s.l: s.n.]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ejacaderno.pdf>. Acesso em: 24 maio 2024.

MORTATTI, Maria do Rosário L. História dos métodos de alfabetização no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

SOUSA, Leandro Q. Educação de jovens e adultos no Brasil: aspectos históricos, dilemas atuais. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXVIII, Nº. 000119, 02/02/2018.

Recebido em: 6 de junho de 2025.

Aprovado em: 21 de junho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/reps.v16i1.13920>

ⁱ Alyne Novais Lucena. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2025/1. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0186033586562807>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0381-8657>

E-mail: alyne.novais.lucena@unemat.br